

ADENDA

Algumas notas de (re) leitura

Filipe Pereirinha

Numa entrevista, o sociólogo polaco Zygmunt Bauman estabelece uma diferença entre a «comunidade» e a «rede». Por outro lado, Lacan, no seminário XIII, diz que um *link* não é um «nó». O que esperar então de uma conversação em rede, para mais subordinada ao tema: Real e Virtual?

Pelo seu caráter vasto e inédito, o tema parecia intratável ou pelo menos labiríntico. Além do mais, fazendo uso de um meio – o Facebook – que é geralmente associado ao ruído, à interferência, ao consumo e partilha do banal. Sendo que o «meio é a mensagem» (MacLuhan), tal não afetaria irremediavelmente o resultado, o produto desta conversação?

Interferências e ruído não faltaram à festa; além disso, o próprio «tempo para compreender» (Lacan), devido à quantidade de postagens, fazia por vezes temer o pior: uma salada mal temperada...

Não obstante, houve sempre pelo menos um – José Martinho – que soube balizar o caminho a partir de uma «linha de investigação», de uma «orientação lacaniana» e, em particular, da tríade (troika?) Imaginário, Simbólico e Real. Caminhou-se entre a abertura e o fechamento como é próprio da pul(sa)ção inconsciente. Que consequências? É aquilo que fica em aberto, a que cada Um é convidado deve responder.

Não deixo também de sublinhar um certo prazer da releitura, uma vez que, por diversas razões, nem sempre tive oportunidade de acompanhar toda a conversação no tempo exato em que esta decorria.

Apercebi-me, ao reler, que nem sempre as interferências, os desvios, os fragmentos poéticos, etc. foram simplesmente pedras no caminho, criando por vezes irrupções

surpreendentes. Ao contrário do *semblant* (imaginário e simbólico), o real é sempre surpreendente.

A possibilidade de «conversar» (transferência de trabalho) com pessoas de outros países (como o Brasil) mostra que um trabalho já não está restrito a um espaço e um tempo definidos. Daí a pergunta por vezes colocada: que consequências para a análise, para a sua estrutura localizada no espaço e no tempo e incarnada em corpos vivos?

A língua é algo de escorregadio, de não-todo, como demonstra esta conversação em que se deixou persistir a grafia diferenciada de brasileiros e portugueses sem procurar apagar a marca dessas diferenças. O sentido é da ordem do imaginário, o significante é da ordem do simbólico, mas a letra é da ordem do real; por exemplo, a letra que não se lê e que o Acordo Ortográfico procurou suprimir! Aquela que não serve para nada...do ponto de vista da comunicação.

Uma dúvida inicial sobre a possibilidade de fazer algo coerente, com consistência na dispersão para que tende o Facebook, desfez-se em parte ao reler a transcrição final da conversação ocorrida. Como na música de Bach (por exemplo) foi possível regressar ao tema original (Real e Virtual) depois de uma série de surpreendentes variações, muito por obra e graça daquele que animou esta conversação.

O «animador» (JM) soube pontuar o que parecia arriscar-se, por vezes, a uma certa deriva...por via da associação livre.

Uma pergunta: Em que medida aquele que convidou todos os dias a estar «ligado», a participar na discussão em torno do real e do virtual, a ler todos os *posts* que eram colocados dia e noite, sem cessar, pelos diversos participantes, a dizer a escrever sempre mais sobre o assunto...não incarnou também, de alguma forma, a voz do supereu (com efeitos reais) na era do virtual?

Um comentário: a conversa parece ter girado entre dois extremos – ou a tendência para fugir ao tema do lado de fora (aqueles que preferiam falar de outras coisas) ou do lado de dentro (acabando-se, muitas vezes, por falar-se de Lacan, deste ou daquele Lacan, deste ou daquele momento, conceito, etc., do ensino de Lacan, em vez de restringir as

intervenções ao tema proposto); valeu, neste caso, a existência de JM para pôr os pontos nos is e lembrar que havia um fio condutor.

Nota final: como dizia Umberto Eco da «obra aberta», este é um tema necessariamente inconcluso e aberto, tal como foi explicado na *(in)conclusão*.